

EDITORIAL

Migrar não é apenas sair, caminhar.
É também ficar, resistir.

Migrar é caminho para superar
a fome pela fartura,
a escravidão pela liberdade,
o sobreviver pelo viver.
Migrar é movimento que busca
educação,
saúde,
nova terra,
uma melhora.
Migrar é passagem
da rua, cortiço, favela ou aluguel
para a casa própria;
da desocupação e trabalho de "bico"
para o emprego estável;
do jugo da precisão
para o reino da abundância.

Migrar é antes de tudo bater-se pela vida!

Mas neste duro combate,
o migrante muitas vezes encontra a morte:
na bala assassina do jagunço,
no vaivém penoso e sem fim,
no trabalho mal pago,
no impacto da cidade,
na marginalização crescente.
A sinistra personagem bate-lhe à porta,
gravando cicatrizes na história:
o campo se esvazia, a cidade "incha";
cresce o desemprego,
na razão direta do êxodo rural
e na razão inversa do salário;
a galope,
sobe o custo-de-vida,
cai o poder aquisitivo.
Ao itinerante,
resta o corpo (por vezes a família!):
nu, exposto, retalhado.
Com ele, só e esquecido,
percorre praças e avenidas,
disputa aos cães lixo e calçada,
habita sórdidos esconderijos,
geme e se contorce pelas sargetas;
definha e seca como planta sem raiz.

Por isso que,
paralela à luta pela vida,
nasce e se desenvolve a indignação.
Expropriado no campo,
empobrecido e aviltado na cidade,
espoliado na periferia,
o migrante se indigna.

+ E se levanta para a Grande Travessia!

Por toda parte grupos se formam,
ruas se enchem de manifestantes,
assembléias sacodem os edifícios,
governo e patrões são desmascarados.
Mais forte que o rugir de mil máquinas,
brota o surdo rumor da raiva,
que se converte em revolta
e nutre a organização;
a qual se traduz concretamente
em ocupações de áreas e casas vazias,
em movimentos reivindicatórios,
na consolidação da luta sindical
e no fortalecimento do poder popular.

O gigante de pedra e asfalto,
com mandíbulas e entranhas de aço,
a um só tempo,
atrai e tritura os peregrinos.
Como se faz à laranja,
tira-lhes todo o suco,
atirando à periferia
- moído, exangue e inutilizado -
o bagaço.
Contudo, embora restolho e adubo da cidade,
os retirantes são, igualmente,
o seu alicerce.
Passo a passo,
palmo a palmo,
eles ocupam e retomam espaços ociosos.
Lenta, árdua, mas irreversivelmente,
tornam-se donos daquilo que ergueram.

E aponta no horizonte,
ao lado da opressão e sofrimento,
lampejos de vitória:
no campo e na cidade,
recria-se o usufruto da terra;
rasga-se a lei iníqua da propriedade
(fonte de especulação)
e instala-se a da posse
(fonte de pão).
A partir de baixo,
surge um novo tempo,
um amanhã ainda menino, sim,
mas já caminhando com as próprias pernas.

Nessa longa trajetória,
de construção de renovada sociedade:
já não estamos apenas no início;
também não estamos ainda no final.
Porque,
como diz o poeta Guimarães Rosa,
em seu "Grande sertão - Veredas",
**"o real não está na saída
nem na chegada:
ele se dispõe para a gente
é no meio da Travessia".**